

ORAÇÃO DA SOLEDADE DE NUNO DE MONTEMOR

CÉSAR TOMÉ

A linguagem de Nuno de Montemor é verdadeira palavra.¹

1. Em diversas zonas da raia beirá, continua a ser, relativamente, frequente a utilização dos étimos e seus cognatos – *soledade, sôdade, suidade* – como formas populares de designação do sentimento saudoso. O padre Álvares de Almeida – ou melhor, Nuno de Montemor – elegeu o termo *soledade* para intitular como *Oração da Soledade*² a sua prédica que levou a efeito na já distante data de 17 de Abril de 1908, na igreja da Misericórdia da cidade da Guarda. Ao longo das vinte e duas belas páginas da *Oração*, Nuno de Montemor esboça a maneira como compreende onto-teologicamente a saudade.

2. Joaquim Augusto Álvares de Almeida nasceu em Quadrazais, do concelho do Sabugal – Guarda, no dia 16 de Dezembro de 1881. Frequentou os seminários Diocesanos da cidade da Guarda, foi ordenado sacerdote, foi presbítero, padre da paróquia da Bendada – Sabugal e mais tarde de Almeida. Recebeu as ordens de leitor, acólito, exorcista e ostiário em 15 de Março de 1902. Integrou o exército português como capelão, ascendeu a capitão e serviu em França a partir de 11 de Março de 1922. Nuno de Montemor – o seu pseudónimo literário – serviu de autoria para dezenas de obras, sobretudo, nos campos da poesia, do romance, conto, drama, novela. *O padre capelão* – como assim era, popularmente, conhecido em terras beiroas – intitulava-se escritor neo-realista católico. Dele disse Pinharanda Gomes:

«Que tem, – perguntar-se-á, agora – Nuno de Montemor a ver com Mauriac, Green ou Bernanos?

Creio bem que apenas têm a ver no facto de todos serem cristãos e todos acreditarem no poder do amor do homem e nas promessas do Céu à Terra.»³

¹ *Apud: Pórtico*, Gomes, Pinharanda, *Nuno de Montemor*, Lisboa, 1964, p. 20.

² Montemor, Nuno de, *Oração da Soledade*, Guarda, Typographia do Districto da Guarda, 1908.

³ *Apud: Pórtico*, Pinharanda Gomes, *Nuno de Montemor*, *op. cit.*, p. 19.



3. Nuno de Montemor elegeu a mãe de Jesus como protagonista, como mediadora na oratória – *Oração da Soledade* – a sua primeira obra, das mais de trinta que, pelo seu punho, conheceram a luz do dia. É a mãe de Jesus que apologiza o amor como cerne da humanidade, como imo das relações entre o homem e Deus. Deus é amor. Jesus emana amor, não obstante a dor, não obstante as angústias, não obstante o sacrifício, apesar da perfídia dos soldados romanos. Para Nuno de Montemor, o amor está presente na cruz. O amor escorre das lágrimas, do sangue, do sofrimento, brota da proximidade aos outros, do próximo, da alteridade. O amor é o amor à alteridade. A mãe presencia amor quando propala:

«(...) que venha a humanidade sem distinção de povos, confraternizar nesse impulso; não haverá confusão de línguas, porque a linguagem do amor é a mesma em todos os povos. Que venha, que venha a humanidade! (*ibidem*, pág. 20)

Oh! O amor, o amor é o remédio infallível que a pharmacia do céu applica às desventuras e às convulsões desesperadas dos vossos filhos; puro e sereno, quando elle dimana do vosso seio, enche-nos o coração de effluvios ineffaveis, e nos lábios desmaiados dos que soffrem, afflora o riso lindo da vida; doce e crystalino, como um lago manso do céu, purifica-nos a lama da alma e guarnece-nos as feridas do corpo.

Senhora! é este amor que vos pedimos porque o mundo não o concede. Pois se elle é tão mau.» (*ibidem*, p. 22)

O amor – tal como Nuno de Montemor o vê e sente – é intrínseco à saudade. Deus ama a humanidade. Esta ama-se. Ama-se o próximo como a si mesmo. *Não matarás* é o expoente, é o cume apologético da alteridade montemoriana. Não matar é respeitar, é aceitar o outro; é amar o próximo. De tudo isto, dá nota Nuno de Montemor, através da palavra e da visão da sua interlocutora, a mãe de Jesus, a partir das vivências e da descrição sofridas (mas tolerantes) da crucificação.

Leonardo Coimbra diz que o amor é a própria essência da realidade. A interdependência entre Deus e os homens consolida de modo consistente a comunidade. Para o filósofo, o amor surge intimamente ligado à saudade. Saudade e amor, amor e saudade – unidos – completam-se, ao ponto de se afirmar que o amor é sempre uma *saudade de Deus*. Também estas indeléveis (e pré-compreensivas) presenças leonardinas se sentem, pressentem e avistam na *Oração da Soledade*, mediadas e testemunhadas pela mãe de Jesus. Jesus aparece-nos em Nuno de Montemor – através da mãe – como a *saudade de Deus* e do homem unindo-se num ósculo. A presença do outro no amor, a alteridade como consubstanciação da interdependência divina e humana levam a concluir – com a mãe divina – que não há Deus sem almas, nem pode haver almas sem Deus. Por isso é que o amor é a essência, é a essência da realidade; onde Deus, os homens, a sua interdependência que determina as recíprocas existências, a realidade, solidificam a comunidade.



«No cume do monte, neste dia que é o aniversário da sua soledade, isolada e triste, está a mulher forte do Evangelho, para quem essa bandeira é uma recordação amarga e um penhor de glória inconfundível.»⁴

Também nesta linha de pensamento, entende Samuel Dimas que – como não pode haver pleno amor sem que haja relação pessoal, a qual pressupõe, sempre, a alteridade (um dos atributos da saudade) – é imperioso admitir que o amor pleno inclui a saudade.⁵

4. A memória é fulcro perene na descrição feita pela mãe, no Golgota. A sua presença é essencial. É a memória que conserva, que preserva. Sem memória, institui-se o *nada*, o caos, a irrelevância. A memória que Nuno de Montemor retoma, pela presença, pelas palavras, pelo pensamento da mãe divina permite a vivificação dos constituintes da *soledade* – amor, dor, angústias, crucificação, tempo, eternidade, Deus, Filho, Espírito. Tudo se regista, tudo permanece, tudo se vinca. A memória permanece eidética ao longo de todo o procedimento e sentimento saudoso. Assim o esboça Nuno de Montemor, assim o postula Leonardo Coimbra. A memória como elemento ontológico conservativo da realidade é – para Leonardo Coimbra – o princípio de que *no ser nada se esquece*. O *ser* edifica-se na memória, na memória da *facticidade*, das coisas, das vivências, das emoções, das palavras.

Nuno de Montemor reproduziu – a partir da mãe sofredora – os passos moribundos do Filho, os seus padecimentos, as suas dores, as suas lágrimas ensanguentadas. A mãe divina mimetizou e memorizou os tempos sofridos do Filho; reproduziu o tempo antes do tempo, viveu o tempo cronológico, mas, também, etéreo do Golgota, pressentiu a eternidade. As lembranças, as sequências do sofrimento permaneceram intactas na memória da mãe que as experimentou e as reproduziu, desde o tempo antes do tempo até à perenidade do tempo, até à eternidade. Memória e tempo ressaltam bem vincados da *Oração* saudosa vivenciados pela dualidade divina e humana da mãe de Jesus. A bonomia dolorosa e tolerante decorrente do sentido escatológico da morte do Filho de Deus provocou o surgimento – paradoxalmente sublime – na mãe sofrida da *saudade de Deus*.

5. O tempo de Nuno de Montemor é linear, é contínuo; oscila, apenas, em função das factuais sofridas dos percursos da crucificação. A mãe presente, dá-nos nota desta temporalidade que não é complexa mas evidencia, outrossim, linearidade desde o antes do tempo até à eternidade escatológica judaico-cristã.

⁴ Montemor, Nuno de, *Oração da Soledade*, *op. cit.*, p. 20.

⁵ *Apud*: Teixeira, António Braz, *A Filosofia da Saudade*, Lisboa, MIL/ DG Edições, 2024, p. 134.



Aqui, o tempo não permite – mediante o regresso saudoso ao ancestral – a confluência com a saudade. Não, aqui o sentimento saudoso – tolerante, compreensivo – é a *saudade de Deus* que chama, que apela, que seduz, que unifica. Aproximamo-nos da *saudade de Deus*, tal como a vêem Samuel Dimas; Pinharanda Gomes, Leonardo Coimbra. Esta *saudade de Deus* – apreendida de Nuno de Montemor – é teológica, é escatológica, é ontológica, é poética.

6. Em a *Oração da Soledade*, a mãe divina desempenha o papel de mediadora, de intermediária entre a divindade e a humanidade. A mãe de Jesus é o testemunho humano que liga Deus Pai ao mundo do Filho homem. É a mãe que, desta feita, consegue conciliar ambos os mundos, descrevendo, dando testemunho da humanização do Filho de Deus, das suas vivências, do seu padecimento, da sua dor, do seu sangue, das suas lágrimas, congregando trinariamente Pai, Filho e Espírito.

Esta faceta da mãe divina condensa divindade e humanidade, espírito e matéria, espírito e corpo, procura aproximar diferenças, divergências, opostos. A aproximação entre os dois mundos – que se iniciou, desta forma – na primeira obra de Nuno de Montemor prosseguiu vincadamente através da globalidade da sua obra romanceada, ao longo da qual os opostos, certos opostos se fundem. Veja-se o caso paradigmático de *A Hora Vermelha* onde coabitam e chegam a conciliar-se comunismo e catolicismo. A pacificação social concretiza-se com a morte dramaticamente simultânea dos dois inimigos *figadais* – Silvano e Piparra – morte esta que salvou a criança Celinha que ambos amavam e que consubstanciava a ligação carinhosa entre os dois mundos adversos. A obra é neo-realista e é católica, tal como o autor sempre se intitulou – neo-realista e católico. Os dois territórios avistam-se e tocam-se, pelas palavras romanceadas do nosso autor.

Nuno de Montemor soube unir, ecleticamente, opostos, aproximando-os prosaicamente. Conseguiu aproximar ideologias, alguma *praxis* comunista, com o misticismo católico; soube difundir a espiritualidade cristã, colocando-a nos campos de batalha como padre e capelão que foi, ao serviço da paz e de Deus. À frente do lactário dr. Proença propalou a fé e realizou ajudas bem pragmáticas, apoiando necessitados e ajudando a debelar a fome a muitas crianças. A visão, a perspectiva, as práticas que o padre escritor foi capaz de concretizar – juntando dois mundos, aparentemente, afastados – não se apartam da linha intermediária, mediadora, espiritual e humana (até simbólica) que reconhece, atribui e evidencia à mãe divina, ao longo da sua bela poética oratória.

7. Diz Marcello Caetano, a propósito de Nuno de Montemor: “Chego mesmo a pensar que as páginas que escreveu não passam de transcrições de um momento ou outro do diálogo mantido em castiça linguagem beiroa, desde os



píncaros da Estrela, com os anjos que em revoada acorriam do Céu à sua invocação de sacerdote e de homem bom, tantas vezes em luta com outros homens por amor de Deus e da Terra.”⁶

Nuno de Montemor emana poesia. Os escritos em prosa são disso demonstração cabal. Romances, contos, dramas, novelas são discursos criativos, belos em que a poesia liberta. A racionalidade subjacente aos textos do *padre capelão* relaciona os elementos seus constituintes que vimos revelando e que esboçam a descrita compreensão acerca da *soledade*, tal como o autor a via, naqueles tempos longínquos do início do século. Estão presentes o amor, o amor ao outro, ao próximo, a alteridade, a memória como suporte do *ser*, a memória como sucedâneo do tempo, dos tempos, como antecâmara da eternidade, a memória como integradora do elemento e sentimento saudosos. Nuno de Montemor soube – relacionando este acervo de elementos – esboçar a compreensão saudosa, conferindo-lhe uma doce conotação poética teológica, que se estendeu e expandiu para os textos romanceados.

Na *Oração da Soledade*, o nosso autor dirige o chamamento à mãe de Jesus, atribuindo-lhe o desempenho de intermediária, de narradora, de participante, de emissora do sentimento saudoso como agente da *saudade de Deus*; que constitui o cerne, que é o sedutor saudoso, para quem se dirige à memória e para quem quer, para quem aí deseja regressar.

A narrativa evidenciada pela mãe divina – ao mesmo tempo que descreve e vivencia as dores no monte da crucificação – retoma a atracção pelo Deus saudoso. A saudade é para Nuno de Montemor a *saudade de Deus*, a atracção por Deus, a sua sedução plena. A *saudade de Deus* consuma a atracção humana, por *Si*.

8. As pedras, as árvores, as águas beiroas que viram nascer Nuno de Montemor, junto à raia, no final do século XIX, terão sido as mesmas que acompanharam os primevos tempos formativos de Pinharanda Gomes (1939-2019), no Sabugal – Guarda, nos anos remotos das décadas iniciais do século passado. Assim como Nuno de Montemor esboça a *saudade de Deus* como sendo o cerne do seu entendimento saudoso, também o delinea – consistentemente – o filósofo de *Pensamento e Movimento*. Nesta linha de pensamento, intuitivamente, é a *saudade de Deus* que – teológica e ontologicamente – se enceta na *Oração da Soledade* e prossegue ao sabor das especulações saudosas que Pinharanda Gomes veio a explicar em *Saudade ou do Mesmo e do Outro*.

Idêntica similitude não acontece, no que tange ao papel que a memória ocupa no raciocínio, de cada um dos pensadores sabugalenses: como vimos, a

⁶ Caetano, Marcello, *Nuno de Montemor (Testemunhos dos seus Contemporâneos)*, op. cit., p. 27.



memória é crucial na compreensão saudosa que Nuno de Montemor dedicou aos suportes do referido sentimento saudoso; ao invés, Pinharanda Gomes faz incidir sobre o entendimento ontológico – pessoal, individual, subjectivo, em sede saudosa – inflectindo o papel da memória na edificação do *ser*. Embora a saudade conheça, em Pinharanda Gomes, a sua aproximação a Deus, embora o filósofo do *Dicionário de Filosofia Portuguesa* confira universalidade ontológica ao sentimento saudoso, todavia, não reconhece à memória a importância que Nuno de Montemor lhe assegura no complexo procedimento saudoso que emana da *Oração da Soledade*, ulterior e densamente repercutida na sua extensa obra romanceada.

António Telmo (1927-2010) e Eduardo Lourenço (1923-2020) virão a ser mais dois exemplos, consistentes, deste tronco saudoso raiano e beirão que se encetou com Nuno de Montemor.

